

## O USO DOS CORRELATIVOS INOVADORES ADITIVOS NA REDAÇÃO VESTIBULAR: UM EXERCÍCIO COGNITIVO?

Marcello RIBEIRO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo verifica o processo de correlação e descreve o comportamento linguístico-discursivo por padrão de pares correlativos aditivos. *Ocorpus*, 700 melhores redações vestibulares da Fuvest (Fundação para o Vestibular de São Paulo) em 2004 a 2010, foi composto para observar escreventes habilidosos e o uso de pares diversos dos prescritos na gramática normativa. O foco está nos pares aditivos: “não apenas... como também”, “não apenas... mas principalmente”, “não só... mas”, “não só... mas assim” e “além de... também”. O pressuposto teórico sobre correlação marca a aproximação de segmentos que compõem nova combinação (LIMA-HERNANDES, 2010) e agrega um jogo estratégico persuasivo. Como resultado, observou-se que as escolhas criativas não rompem com o processamento cognitivo esperado e a estratégia que deflagra as escolhas está presente na bagagem cognitiva herdada historicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua. Funcionalismo. Par correlativo aditivo. Cognição.

### Introdução

Este artigo dedica-se ao estudo do processo de correlação<sup>2</sup> e, como consequência, descreve o comportamento linguístico-discursivo, por padrão, dos pares correlativos empregados em redações vestibulares, momento em que a pressão pela normatividade é bem grande, mas escreventes habilidosos se utilizam dos pares que fogem ao que se espera e surpreendem o leitor com escolhas criativas, sem romper com o processamento cognitivo esperado. Para nossa análise, mais especificamente, nosso foco está nos correlativos aditivos, cuja funcionalidade faz com que os itens adquiram um caráter menos neutro e mais multifacetado, intrinsecamente ligado ao campo pragmático.

---

1 Professor doutor na Universidade Nove de Julho e líder de disciplina / corretor na Universidade Paulista. E-mail: marcelloribeiro@uni9.pro.br

2 A correlação é “um processo de ligação entre duas porções informativas conectadas intrinsecamente por dois elementos: um elemento morfossintático (cognição subordinativa) e um elemento psicológico que funciona como gatilho de uma segunda porção informativa num molde previamente projetado” (DIAS; LIMA-HERNANDES, 2010, s.p.)

Como questões relativas à escolarização, as etapas do desenvolvimento cognitivo e o processo de mudança gramatical estão, neste artigo, altamente imbricados, por conta disso, considerou-se constitutiva uma amostra com textos produzidos em situações de alta pressão de normatividade. São redações elaboradas por candidatos da FUVEST (Fundação para o Vestibular de São Paulo), de sete vestibulares distintos, de 2004 a 2010 (100 melhores). No total, analisaram-se 700 textos.

O que torna nossa pesquisa atual e relevante é o fato de termos encontrado pares correlatos, objeto de nossa análise, tanto considerados normatizados (aqueles prescritos pela gramática padrão e pelas regras estabelecidas) quanto considerados diferentes, porque a estratégia que o deflagra está presente na bagagem cognitiva, herdada historicamente, na sociedade.

É importante apontar que escolhemos a correlação como elemento de análise, porque se percebeu que o escritor, como recurso estratégico-argumentativo, utiliza-se dela para fundamentar seu posicionamento com mais solidez e com mais propriedade, pois no caso das aditivas, o escritor insere mais conteúdo linguístico na segunda porção informativa, a fim de persuadir o leitor. É uma estratégia, um jogo.

Entendemos, ainda, a correlação além dos itens que se ligam numa espécie de paralelismo sintático, também como um processo sociocognitivo instalado nas conceitualizações que se tornam símbolos linguísticos orquestrados por processos ou modos de pensar a informação. É importante salientar, ainda, que assumimos que a correlação não pode ser entendida como processo distinto, mas como uma ferramenta adicional para a codificação linguística de intenções comunicacionais.

Para Lima-Hernandes (2010, s.p.), a correlação acontece devido “à aproximação de segmentos que compõem uma nova combinação que as atrai...”, que nem sempre se apresenta à luz de pares legalmente constituídos pela normatividade da língua, o que torna o fenômeno ainda mais curioso. Por mais que instituamos a norma padrão como recurso empregado, principalmente nas situações contextuais mais formais de um par correlativo, diferentemente daquele esperado numa modalidade escrita, como entender o uso “não só... mas sim”, um dos objetos de análise deste artigo, nesse tipo de modalidade? Assim, não há como dissociar o uso real da língua, aquele pré-programado na mente humana, de situações que exigem do falante-escritor uma experimentação advinda de outra natureza.

Será nosso foco de análise, a partir da diversidade de pares aditivos levantados, os seguintes correlacionadores aditivos: “não apenas... como também”, “não apenas... mas principalmente”, “não só... mas”, “não só... mas sim”, “além de... também”.

## **Fundamentação Teórica**

### **Bases Funcionalistas**

São bases para o desenvolvimento deste artigo os pressupostos teóricos da linguística funcionalista. Nesse modelo, concebe-se a língua como um fenômeno maleável que pode ser moldado de acordo com a situação real a que o falante está submetido e suas interações sociais.

Partimos do pressuposto que, quando o indivíduo adquire a língua de sua comunidade, carregada de suas experimentações sociais e culturais, conforme vai crescendo, outros modelos de língua compõem-se, de modo a torná-lo um sujeito evolutivamente adaptável, compartilhador e competente. Com isso, os seres humanos somente dominam plenamente o uso dos símbolos linguísticos a que estão expostos depois de alguns anos de interação, praticamente contínua, com os outros usuários que se utilizam desses mesmos símbolos e, para isso, acreditamos que o ambiente, ligado aos aspectos culturais que o subjazem, interfere na condição da aquisição da língua.

Sendo o funcionalismo<sup>3</sup> uma corrente linguística cujo foco de interesse é o estudo da estrutura gramatical das línguas, baseia-se na ideia de que é um instrumento de interação social atrelado à competência linguística do falante, às funções cognitivas e sociais. Esses seriam os fatores fundamentais na organização e reorganização da codificação linguística, o que permite afirmar que os contextos de uso remetem a aspectos culturais, sociais, temporais, regionais, históricos, ligados a intenções e pressionam, assim, as escolhas dos falantes.

---

<sup>3</sup> Os funcionalistas são motivacionistas por essência, já que acreditam que a forma das línguas não é arbitrária, mas motivada ou icônica, refletindo processos mentais, referentes ao trato com as informações nas diferentes situações de comunicação. Assim, o funcionalismo defende a ideia de que, sendo a linguagem uma habilidade inerente ao homem, a estrutura linguística revela as propriedades da conceitualização que o homem faz do mundo, através das restrições de funcionamento da sua mente. (MARTELOTTA, 2006, pp. 246-47)

Um processo que tem encontrado abrigo nessa concepção funcionalista é a gramaticalização, uma mudança linguística por meio da qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, tornando-se elementos gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). É um processo unidirecional, nucleável, emergente, que se inicia por meio de fatores que se encontram fora do sistema de estrutura linguística (HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991) que, acoplados a fatores internos, compõem o fluxo informativo (CHAFE, 1987), controlado por um fluxo de atenção e um ponto de vista (DE LANCEY, 1981), o qual determina a sequência de combinações lexicais discursivo-pragmáticas a fim de, intencionalmente, atender a propósitos comunicacionais: “estrutura da língua reflete a estrutura da experiência” (CROFT, 1991).

Uma das principais características da linguagem humana diz respeito à singularidade da capacidade de integrar e mobilizar grupos sociais que, historicamente, evoluíram por conta de suas atividades sociocomunicacionais. Desde crianças, habilidades como entender o outro de sua espécie e suas intenções, compreender os diferentes papéis sociais atribuídos a nós enquanto falamos ou ouvimos, dentro do fluxo informativo, perceber nosso papel social no mundo que nos cerca, compartilhando símbolos linguísticos permitem, subjetivamente, transformar nossa percepção de ver o outro e correlacionar, interagir com o outro, no jogo da subsistência humana.

### **Língua e Gradação**

Entendemos a linguagem como um instrumento processual adaptativo e sociocognitivo, em que homens, por meio de convenções sociais, conseguem criar e recriar símbolos e construções linguísticas, a partir da criação de outras, já existentes. É um indício de que língua, transformação e uso são elementos-chave para compreensão do seu funcionamento.

Assumiremos a postura teórica cognitivista que entende a linguagem atrelada à cognição (LANGACKER, 1987) como um conjunto de sistemas conectados, que envolve a linguagem e nossas percepções experienciais de ver o mundo, por meio de sentimentos que, de uma maneira geral, nos acompanham por toda a vida e, fatalmente,

interferem em nossas escolhas linguísticas e informacionais, e que se reorganizam ao longo da vida do falante. E, assim, a gramática deve ser vista como um conjunto de itens lexicais que se combinam e recombina a partir das estratégias interativas, cujo sentido vai se redimensionando quanto à forma e à função, de acordo o modo como o falante enxerga o mundo, assume valores e crenças que se ressignificam, ao longo da vida.

Para Bybee (2003), a gramática é constantemente reconfigurada, dinâmica, que sofre mudanças em relação à estocagem local e ao processamento em tempo real, à medida que é organizada e reprojeta na mente humana.

Um dos focos de análise para os funcionalistas é entender a reconfiguração dos usos gramaticais para atender a fins pragmáticos, isto é, muitas estruturas sintáticas ocorrem por conta da situação de interação<sup>4</sup> e, dessa forma, sofrem impacto por conta das intenções ligadas à organização textual, por exemplo.

Beaugrande (1993), a respeito do conceito de texto, considera “um evento comunicativo”, calcado numa perspectiva sociointerativa (MARCUSCHI, 2008) de acordo com o gênero discursivo, que o remete à escolha da linguagem, das sequências discursivas, das informações, dos argumentos, apropriados, textualmente, a fim de atender às expectativas do leitor. Nisso, é importante entender que existe uma pressão sobre a interação, que acontece de maneira adequada àquilo que se quer expressar.

Podemos afirmar que diferentes estruturas linguísticas, dentro do texto, carregam funções<sup>5</sup> semelhantes, via processo de correlação. Um ponto significativo desta pesquisa é entender de que forma o indivíduo busca, ao escrever um texto dissertativo-argumentativo numa situação formal como a de um vestibular, elementos funcionais ligados às suas experimentações de mundo, diferentemente daqueles esperados para tal situação, isto é, elementos normativizados advindos das aulas, do material didático, das exigências da própria escola, da sociedade, em geral.

---

4 “A interação verbal é uma atividade estruturada (com regras, normas e convenções), mas também é uma atividade cooperativa e, desse modo, ativam-se, na linguagem (que é sempre uma interação), dois sistemas de regras: as que regem a constituição das expressões linguísticas (regras sintáticas, semânticas, morfológicas e pragmáticas) e as que regem o modelo de interação verbal no qual as expressões são usadas (regras pragmáticas).” (NEVES, 2006, p. 13)

5 Entidade linguística constituída pelo papel que desempenha no processo comunicativo, segundo Halliday e Hasan (1973) e Anscombe e Zaccaria (1990).

Mais especificamente, nas correlativas, o sujeito-autor une porções informativas, a fim de argumentar em favor daquilo que defende e, assim, busca “na” e “pela” vivência social e cultural, atinada à sua língua, fatos que se concretizam e se dividem entre os períodos e atendam às suas necessidades comunicacionais.

Para isso, são ativados componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos (GIVÓN, 1984) interativos que, lincados à pragmática, conferem ao autor-falante como a seu interlocutor uma convergência conectiva e discursiva: “ao falarmos de discurso articulamos o enunciado sobre uma situação de enunciado singular; aquilo que lhe confere uma unidade, que o torna uma totalidade e não um simples conjunto de frases” (ADAM, 1999, p. 40).

Isso mostra que os usuários percebem a mudança linguística e são suscetíveis a ela. Chamamos atenção para o fato de que a mudança dos itens de uma língua sinaliza a necessidade que o falante tem de acionar outros mecanismos linguísticos para dentro das estruturas a fim de obter interação, novas negociações de sentido para promover a comunicação.

Para Dik (1989), o usuário de uma língua arquiva um item linguístico e o recupera em outras expressões e, a partir de uma lógica do raciocínio, extrai e readapta para outras expressões, ainda, por conta do ambiente, do aspecto social, a fim de atingir objetivos comunicativos particulares.

Entender o papel de cada mecanismo linguístico, à luz do funcionalismo, é aceitar o fato de que para cada regra existe uma funcionalidade subjacente ao modo de uso de cada expressão e, com isso, é fundamental apontar que “não cabe uma análise generalista” (DIK, 1989, p.3), pois cada item assume uma forma/ função, a partir das intenções de cada falante, isto é, existe uma interação pragmática instalada dentro de cada realização, outro fator relevante à análise de um evento linguístico.

Dik (1978a) defende, ainda, que uma análise mais apurada de fatos linguísticos se dá “por meio da sistematicidade da linguagem” sob o prisma de que as expressões linguísticas devem ser pensadas como instrumentos usados para evocar no ouvinte a interpretação desejada.

Nessa perspectiva, para o autor, a gramática deve ser entendida como uma construção tripartida “um gerador computacional, um interpretador e estocador de informações” (DIK, 1989, p.17), em que, por exemplo, numa estrutura subjacente a

uma cláusula, cujos elementos operam em diferentes níveis de complexidade, existe uma mediação entre as escolhas elencadas para formar uma rede de itens linguísticos relacionados uns aos outros e as intenções reais de cada uma de suas realizações, em que o sujeito busca em suas experiências determinados elementos para aquela situação.

Se a escola teve como papel a transmissão dos elementos que perfazem a norma culta, sistematizada na língua com princípios e valores formais embutidos nesse fenômeno e, principalmente, a transmissão de como e por que utilizar-se deles nas diversas situações, como a de um vestibular, a utilização de um elemento diferente daquele prescrito na cultura tradicional exigido, por exemplo, nas aulas de língua, sinalizaria que o uso ligado a pressões dos fatores externos e internos sobrepõe-se de tal forma que há de se considerar a gramática como um instrumento revestido com uma “maleabilidade” (BOLLINGER, 1975; HOPPER, 1987), instrumento dinâmico, provisório, o que configura a existência de “categorias não discretas” (NEVES, 2010).

Assim, conclui-se que a língua não pode ser vista como um conjunto arbitrário de ideias soltas, sem finalidade específica, mas, ao contrário, sua realização acontece multipropositalmente por meio de organizações linguístico-funcionais que refletem a estrutura das experiências e fazem com que o falante-escritor relacione o gênero escolhido à situação-contexto.

Também, conclui-se que, ao falar ou escrever, o usuário tem em mente que necessita de um “entrosamento” (CROFT, 2001), com as ações do outro participante para alcançar a ação conjunta em que, dentro de um terreno comum, cada qual desempenha seu papel, ligados a uma esfera temática e a seus subtemas, a fim de executar plenamente a linguagem.

Isso quer dizer que, ao escrever, há um esforço do escritor para que suas escolhas linguísticas compartilhadas se deem de maneira a atender às expectativas do leitor, ou sejam, para tanto, deve haver uma ação convergente; há aí um reconhecimento de intenções.

Para Croft (2001), ainda, a regularidade comportamental, comum entre as comunidades linguísticas, faz-se necessária para que exista uma identidade e, dessa forma, haja uma comunhão entre pensamento, comportamento, atitudes sociais e linguísticas.



Quando pares correlativos se instalam entre as cláusulas, por exemplo, tem-se uma cadeia de combinação de sons, palavras, que, semanticamente, aglutinam significados de estruturas gramaticais, por meio de mensagens que se recombinaem, num conjunto de partes que podem ser quebradas e reencaixadas, para que outras mensagens surjam.

Segundo Tomasello (2003), os humanos têm a capacidade social conjuntiva para a intenção conjunta com seu meio ambiente, “o que pode mudar de acordo com o tempo e com as pessoas” (CROFT, 2001, p. 6). Isso nos remete a Chafe (1977), ao apontar que a experiência do falante é transformada por partes de enunciados linguísticos que são reutilizáveis em partes menores para outras experiências, do que pode-se entender que existe um relacionamento entre partes das experiências (atual e as anteriores), cujo local, contexto, cultura, são elementos influenciadores para esse processo.

Fechando essa seção expositiva, entende-se que os próprios usos estabelecem qual padrão se adaptará àquele gênero e à língua a fim de se atender às especificidades de cada um, sendo bilhete, crônica, carta, dissertação-argumentativa, editorial, artigo de opinião, debate, seminário, entrevista, enfim, diversos gêneros, que se fazem de uma correspondência entre os arranjos estruturais e semânticos, arquivados pelos usuários como suas experiências em repositório mental, mediante às suas vivências prévias e advindas de tradições culturais, que por meio de relações sociointerativas, se concretizam como molduras.

### **O Papel da Cognição**

Tomasello (2003) considera possível o fato de os humanos terem a capacidade social cognitiva para entender determinados elementos linguísticos e comportamentais e, dessa forma, o usuário da língua, ao interagir com o meio ambiente em que está inserido, naquele contexto sociocultural, entende, participa e age de acordo com o universo exposto. Mediante isso, o falante-escritor coordena suas ações conjuntas, auxilia na manutenção do exercício entre ele e o ouvinte-leitor e, intencionalmente, a partir de diversas possibilidades, escolherá aquela que construirá mais proximamente.

O autor aponta, também, que a aquisição sintática, à luz de uma aprendizagem implícita, leva a criança a detectar as regularidades frequenciais, pois são sensíveis ao



uso e às suas variantes. Ainda de acordo com Tomasello (2003), formas mais frequentes são mais propensas a serem produzidas corretamente, e são mais susceptíveis a serem objeto de regularização.

Para Croft (2007), existem particularidades no que diz respeito às construções: são organizadas em um espaço multidimensional e se acoplam pela semelhança cultural, isto é, dentre um conjunto disponível de símbolos, o falante lança-os, dentro das estruturas, a partir da identificação que estabelece entre o item linguístico e a imagem que o codifica, dentro do espaço e do tempo; é um exercício particular de cada falante, que escolhe, de acordo com a necessidade do que comunicar.

Para o autor, ainda, a replicação dos elementos linguísticos, lançados entre as estruturas, representa um indício de evolução da língua (HULL, 1988; CROFT, 2001), parte do processo da instabilidade linguística, realizada por dois mecanismos: o primeiro seria o que trata da mudança do som percebida pela sincronia da língua; o segundo seria a seleção das variantes, de acordo com o ambiente a que a língua pertence (HULL, 1988), por conta do espaço social e do evento atrelado a ele que, convencionalmente, passa a ser adotado e institucionalizado como elemento linguístico mais apropriado e aceito pela comunidade.

O homem, ao longo de sua jornada, desde criança, cria um conjunto de habilidades que fazem dele um sujeito, de fato, competente, porque expressa aquilo que pensa, sente e entende a partir do mundo que o rodeia. Mas isso não se dá de maneira simples: além de carregar traços genéticos transmitidos de geração a geração, o ambiente cultural também é um fator contributivo para suas escolhas linguísticas e assim, o torna um sujeito competente para esse manuseio.

Ao nos remetermos ao nosso objeto de análise, a partir das correlações e também das informações aditivas que se redistribuem entre as informações, é fato: há uma conversão de intenções entre quem escreve, o que escreve e para quem o faz, pois o indivíduo, no processo de seleção, como foco do ambiente de nossa pesquisa, produz seu texto e se utiliza da correlação e da adição para referendar suas argumentações, torná-las mais eficazes a fim de provar-se, mostrar-se como um indivíduo competente ao lidar com as diversas habilidades exigidas para um manuseio competente da língua.

A teoria da aquisição baseada no uso ou “linguística cognitiva-funcional” (TOMASELLO, 2003) tem como hipótese que a aquisição e o desenvolvimento de

competências linguísticas são processos sociobiológicos que envolvem capacidades sociocognitivas de compreender e compartilhar intenções em atividades sociocomunicativas. Uma das principais características dessa teoria é a de pautar-se numa análise calcada na evolução da cognição humana, produto co-evolutivo de adaptações biológicas específicas à cognição primata e de atividades como, por exemplo, a criação e usos de símbolos linguísticos.

Para Tomasello (2003), ainda, habilidades sociocognitivas humanas são advindas de uma evolução cultural que permite, por meio de uma transmissão cultural de conhecimentos já existentes de outra cultura (humana ou não humana), que convenções linguísticas fossem atravessando outras culturas por meio da aprendizagem com outros de sua comunidade.

Ferramentas e comunicação simbólica foram inventadas e, ao longo do tempo, modificadas por outras gerações de espécie. Há, então, o que Tomasello (2003) denomina de “evolução cultural cumulativa”, pela qual a cultura se redefine e se aperfeiçoa até que alguém a modifique e a reinvente, adequando-a à realidade, à condição social do indivíduo e daquele ambiente (tempo e espaço). É o chamado “efeito catraca” (TOMASELLO; KRUNGER; RANNER, 1993). Nele há avanços e não retrocessos em relação àquilo que se reelabora, até que haja uma regularidade, estabilização.

A linguagem é um exemplo desse efeito; a mudança representa um avanço dentro desse processo, em que os indivíduos a usam para partilhar e para se compreenderem, a partir dos símbolos linguísticos disponíveis no sistema e que, com o tempo, vão readequando de acordo com suas necessidades.

Para Tomasello (2003), desde a infância, os símbolos linguísticos arbitrários são compartilhados intersubjetivamente pela criança e pelo adulto, na medida em que ambos compreendem a que função esses símbolos se prestam e qual seu papel no quadro funcional do uso da língua.

Há uma representação mental instada nesse processo de uso: um falante, ao fazer julgamento daquilo que considera mais relevante, ao ordenar as palavras dentro da estrutura da língua, determina a regra gramatical mais apropriada àquele cenário, para aqueles interlocutores, e assim atrai, por meio de uma atenção conjunta, a atenção do outro. Para isso, leva em consideração fatores como: avaliação do contexto

linguístico, familiaridade do ouvinte-leitor à resposta do assunto, situação social, tempo, espaço, num jogo, cujos participantes são chamados de “agentes intencionais” (TOMASELLO, 2003, p. 264).

Para isso, um recurso cultural significativo é o da aprendizagem por imitação que, por instrução, transmissão, estabelece qual o modelo de símbolos linguísticos mais apropriados para os diversos grupos; isto quer dizer, a escola continua sendo um canal importante para que os indivíduos observem o outro, interajam, vejam o modelo, pensem e repensem, em função de suas necessidades.

No caso de nossa pesquisa, existem especificidades dentro do inventário de símbolos linguísticos que o diferenciam e singularizam, a partir, por exemplo, das escolhas que o aluno faz para atender a sua necessidade frente a uma banca examinadora. No caso dos pares correlativos utilizados por ele, parece haver duas intenções: utiliza-se, primeiramente, de símbolos linguísticos, de conteúdo informacional, já conhecidos pelo leitor, para reconhecer-se no outro de seu grupo social, para representar relações interativas afins e acordadas pelo universo do grupo social a que pertencem; logo, insere e combina elementos novos, num índice de auditoria, para mostrar habilidade com o uso de elementos linguísticos e também lança conteúdo informacional com ricos exemplos, fatos, discussões que funcionam como elemento surpresa para o leitor.

É como se a informação e também o item linguístico estivessem armazenados e fossem redescritos em diferentes formatos:

Minha hipótese é que um modo especificamente humano de obter conhecimento é a mente explorar internamente a informação já armazenada (tanto inata como adquirida), redescrivendo suas representações ou, mais precisamente, rerepresentando reiteradamente em diferentes formatos representacionais o que suas representações internas representam (SMITH, 1988, p. 102).

### **Hipóteses Levantadas**

Algumas hipóteses são pertinentes a partir dos dados de trechos dos textos analisados por nós, dentre eles:

a) É no *desenvolvimento* do texto que os pares correlatos mais apareceriam; provavelmente, porque seria o momento em que haveria maior esforço mental e processual para se buscarem exemplos, dados, experiências de fatos e de mundo, para convencer o leitor daquilo que se quer provar, por se tratar de um espaço em que haveria maior preocupação de se inserir elementos linguísticos em favor da argumentação?

b) Dentre diversos tipos de correlativos aditivos, percebe-se mais material no segundo par, seja qual for ele. Isso não seria um jogo estratégico do autor para a argumentação?

c) A união entre pares correlativos aditivos não tornariam as informações mais complexas, de fato?

### **Apresentação e Análise dos Dados**

É importante salientar que os termos correlativos aditivos a seguir apresentados, dentre um número significativo, foram escolhidos por conta de serem inovadores, isto é, não se fazerem presentes nas gramáticas normativas e nem nos livros didáticos adotados para os alunos nos cursos regulares, que poderiam influenciar no emprego desses elementos correlativos. Vejamos, a seguir, o emprego de cada um deles e sua respectiva análise.

#### **– Não apenas... como também... –**

A utilização desse par explica-se pela aproximação de um polarizador que atua de forma inclusiva, permitindo focalizar uma informação por meio da agregação de adjuntos conjuntivos de valor aditivo.

Sua ocorrência se dá pela necessidade de que fatos simultaneamente organizados contribuam para a interseção entre as ideias apresentadas na argumentação. Percebe-se que o primeiro elemento do par focaliza a informação (“apenas”), restringe-a (denotativo negativo de restrição, segundo Oiticica, 1942). Sendo assim, o escrevente utiliza-se, estrategicamente, de duas porções informativas em que, na primeira, apesar de realçar, direcionar a atenção do leitor para as ideias contidas nesse par, parece transmitir fatos já conhecidos por ambos e, no segundo par, guarda, então, a informação nova, aquela considerada como um elemento surpresa para o leitor:

mais isolado, apesar de rodeado de <sup>O</sup>semelhantes. Reexaminar as relações que <sup>U</sup>vão man-  
das é fundamental não apenas para romper o isolamento como também do ponto  
de vista biológico: ter bons amigos faz bem, e recentes pesquisas ratificam a tese,  
ao comprovar que pessoas que mantêm relações verdadeiras de amizade vivem mais

Exemplo 1 (Fuvest, 2007, p. 53)

O item “apenas” funciona como focalizador para a primeira porção informativa; isto é, o relevo que ele é conferido baseia-se na nulidade de parte da negação, projetando para a segunda porção o conteúdo que, para o autor, parece ser o mais relevante.

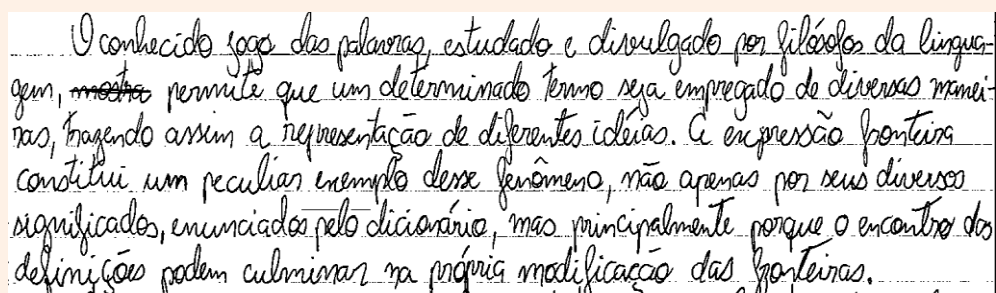
A adição entre os pares correlativos se caracteriza pela informação já conhecida, pelo primeiro par correlativo e pela nova informação, pelo segundo par correlato, que é por onde existe a argumentação feita pelo autor. Prova disso é a quantidade de material linguístico presente no segundo par, para que o autor assuma seu ponto de vista. O focalizador serve para trazer à tona uma ideia que ambos conhecem: tanto o autor quanto o leitor.

O uso do “apenas” no primeiro par parece servir somente para alavancar no segundo par, aquilo que se quer informar, focalizar, como informação central.

#### – Não apenas... mas principalmente... –

Emprega-se este par aditivo quando se pretende uma dupla focalização (apenas e principalmente) que, por seu caráter enfático, produz relevância a ambas as informações. Isso só é possível porque o item “principalmente”, além de fazer o papel do focalizador, também produz um juízo de valor sobre a situação apontada ou discutida. Em outras palavras, “atua na dimensão ilocutória do discurso, com a finalidade de transformar certa parcela do enunciado em foco da informação” (AZEREDO, 2008, p. 287), ou seja, o focalizador “principalmente” é “assertivo” (NEVES, 1999a, p.245) do tipo afirmativo, de modo que coloca fora de dúvida qualquer questionamento sobre o fato.

Sendo assim, “principalmente” traduz-se na intenção de asseverar e deixar evidente que há ali uma modalização epistêmica, que é a marca do escrevente:



O conhecido uso das palavras, estudado e divulgado por filósofos da linguagem, ~~mas~~ permite que um determinado termo seja empregado de diversas maneiras, fazendo assim a representação de diferentes ideias. A expressão fronteiras constitui um peculiar exemplo desse fenômeno, não apenas por seus diversos significados, enunciados pelo dicionário, mas principalmente porque o encontro das definições podem culminar na própria modificação das fronteiras.

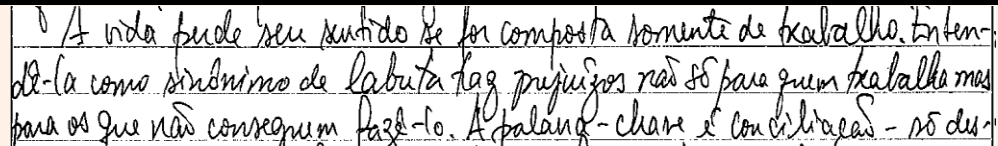
Exemplo 2 (Fuvest, 2009, p. 72)

– Não só... mas... –

A ocorrência do par “não só... mas” demonstra que é possível elidir parte dos pares, mas não significa que sejam totalmente sinônimas as construções. Com a ausência do item “também”, produz-se maior velocidade de leitura e, conseqüentemente, maior integração sintática. O princípio funcionalista da marcação permite explicar essa ocorrência, pois com a frequência de uso é comum que se conceptualize o uso de modo mais automatizado. Mas não é só isso. Pelo princípio de iconicidade, verifica-se que o que está mais integrado mentalmente, também será codificado mais integrado. Aqui, ao menos mais próximos estão, permitindo um processamento mais rápido também.

O trecho a seguir, de 2006, com o par “não só... mas” sinaliza, focaliza, por meio de preposição “para” duas informações que se calcam em relevo. A ideia que o escrevente quer transmitir é a de que, se focarmos nossa vida somente no trabalho, como sinônimo de labuta, seremos escravizados. São ideias altamente integradas por meio de dois verbos e nos remetem à questão dos prejuízos atrelados unicamente ao tema trabalhado.

Colocar em relevo duas informações que aditivamente se sobrepõem por meio da estrutura para + nome [+animado], parece alavancar, entre os pares, duas porções informativas relevantes para o autor, e por isso a utilização da reduplicação da preposição. Há um equilíbrio de quantidade de material lexical entre as porções:

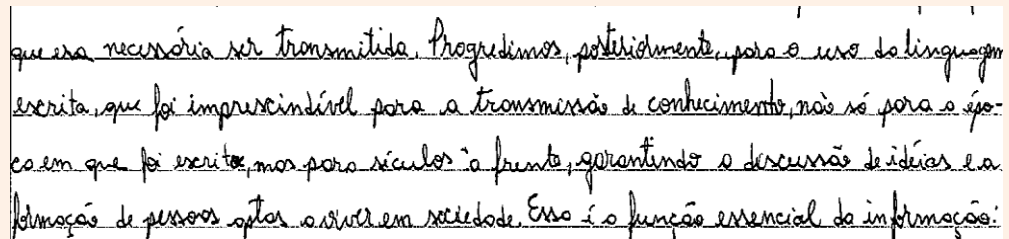


A vida pode ser muito se for composta somente de trabalho. Entende-la como sinônimo de labuta faz prejuízos não só para quem trabalha mas para os que não conseguem fazê-lo. A palavra-chave é conciliação - só des-

Exemplo 3 (Fuvest, 2006, p. 37)

– “Não só para... mas para” –

Para o par aditivo a seguir, constituído por “não só para” atrelado a “mas para”, há uma relação circunstancial aditiva, introduzida por expressões de tempo. A preposição “para”, por meio dos pares correlativos, focaliza dois itens lexicais “época” e “séculos”, que, metonimicamente, sinalizam para o leitor que a linguagem escrita foi relevante para a transmissão do conhecimento durante vários períodos. Imagetivamente, há um extensionamento entre época-século, utilizado pelo autor, a fim de mostrar a importância da escrita na história da humanidade:

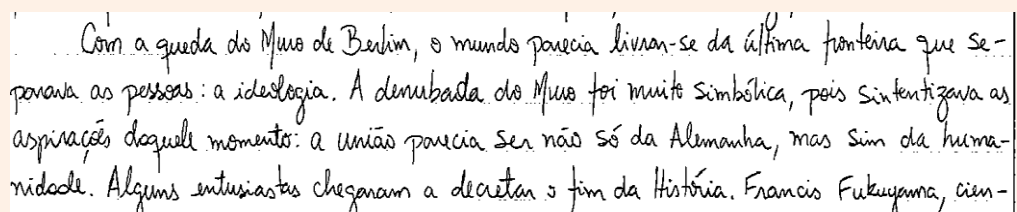


que era necessária ser transmitida. Progredimos, posteriormente, para o uso da linguagem escrita, que foi imprescindível para a transmissão de conhecimentos, não só para a época em que foi escrita, mas para séculos a frente, garantindo o decorrer de ideias e a formação de pessoas aptas a viver em sociedade. Essa é a função essencial da informação:

Exemplo 4 (Fuvest, 2008, p.34)

– Não só... mas sim... –

Esse padrão é consubstanciado pela presença de polaridade focalizadora (não só) seguida de elemento contrastivo atrelado a um focalizador (mas sim).



Com a queda do Muro de Berlim, o mundo parecia livrar-se da última fronteira que separava as pessoas: a ideologia. A demarcação do Muro foi muito simbólica, pois sintetizava as aspirações daquele momento: a união parecia ser não só da Alemanha, mas sim da humanidade. Alguns entusiastas chegaram a decretar o fim da História. Francis Fukuyama, cim-

Exemplo 5 (Fuvest, 2009, p. 14)

Notemos que o par correlativo “não só... mas sim” é aditivo e sinaliza uma dupla focalização por meio dos circunstanciais “só” e “sim”. Segundo Houaiss e Villar



(2001), representa uma reiteração de algo afirmado, que parece levar o leitor, metaforicamente, ao significado “da derrubada do muro de Berlim” cuja união simboliza não só a Alemanha, mas sim a humanidade; isto é, cognitivamente esse deslocamento da parte pelo todo, é um exercício cujo processamento mental se dá de forma mais complexa, mais abstratizado. Iconicamente, dentro do *continuum*, das categorias cognitivas há um deslocamento do espaço que denota qualidade, pois humanidade tem seu “significado calcado na generosidade em relação aos demais” (BECHARA, 2009, p. 476): a união do muro de Berlim representa solidariedade, respeito ao próximo. O que é “mais conhecido e supostamente compartilhado em situação interativa é elidido da sequência sintática” (LIMA-HERNANDES, 2008, p.26), pois a porção “a união parecia ser”, encabeçada pelo segundo elemento do par, foi omitida. Aqui também verificamos a intenção de alta integração e velocidade de processamento.

– Além de... também... –

Exemplo 6 (Fuvest, 2009, p. 13)

Nesse trecho, o candidato se utiliza dos pares aditivos para auxiliá-lo na discussão a respeito dos limites da razão e da verdade. Para isso, como jogo discursivo, estratégico, ao “beber” na fonte de Kant, filósofo pensador, lança as duas porções informativas atreladas a dois verbos; um para cada par, sendo o primeiro deles, “descobrir”, um verbo factivo (NEVES, 1999a), que confere à informação um caráter de fato verdadeiro, que permanece firmado e apoiado, no plano cognitivo, em seu valor epistêmico (ligado ao conhecimento). No segundo elemento do par, o verbo “propor”, cujo sentido pressupõe algo determinado (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2313), permite atribuir à informação um valor factivo de caráter epistêmico. Assim, o

escrevente, ao proferir as ideias, baseado na concepção de Kant, entende que duas informações se correlacionam, por isso seleciona o par aditivo para sinalizar que o que está junto mentalmente também deve permanecer junto sintaticamente. No plano semântico, dois verbos sequenciam o momento da constatação e da proposição: *descobrir* e *propor*.

### **Conclusão**

Quando o indivíduo fala e escreve, busca, na mente, informações armazenadas como se fossem uma unidade convencional, representada cognitivamente, e as acopla de acordo com suas necessidades operacionais: intenção, contexto, a imagem que faz do falante, a fim de obter a interação, atender às expectativas do ouvinte-leitor.

O falante, ao combinar e recombina itens lexicais, movido por uma intenção discursiva no fluxo informacional, passa a redesenhá-los, por meio de marcas linguístico-discursivas intencionais. Isso decorre de sua capacidade de adaptar, ajustar, acomodar, enfim, flexibilizar material linguístico antigo por outro novo (HOPPER, 1987, p. 18), e assim o acomoda de acordo com as pressões a que é submetido (NEVES, 2004).

Como aponta Lyons (1979, apud MARTELOTTA, 2003, p. 71), “há muitos fatores diferentes que, tanto interna quanto externamente, podem determinar a transformação de língua de estado sincrônico por outro”, que convergem para a recriação de formas e de sentidos de acordo com as necessidades comunicativas do indivíduo, que quando as percebe, as aprecia e as adota (BOLINGER, 1975, p. 389) faz com que elas permaneçam, “podendo vir a gerar situações efetivas de mudança” (LYONS, 1979 apud MARTELOTTA, 2003, p. 71).

Tendo como foco atender às especificidades do leitor, o autor utiliza-se dos pares correlativos para enobrecer e aumentar a elasticidade de suas discussões. Nesse sentido, o termo “discurso” está relacionado a um ciclo em que as diversas formas criativas de uso, organizadas pelo falante-escrevente, quando regularizadas, entram para a gramática da língua, mas também, no momento em que começam a ter comportamentos e papéis diferentes, voltam para o discurso. É uma rota, cuja trajetória está instada na instabilidade e na regularização do uso da língua, como defendem funcionalistas:

O que foi sistematizado entra no processo de desgaste, com liberdade progressiva da expressão em termos de restrição da ocorrência, e com liberdade progressiva do conteúdo em termos de desbotamento e esvaziamento semântico. (FURTADO DA CUNHA; COSTA E CEZÁRIO, 2003, p. 41).

A língua é calcada numa fluidez que, numa unidirecionalidade, vai assumindo formas ilimitadas que, reestruturadas, “são ressemantizadas durante o efetivo uso” (HOPPER, 1987, p. 158).

Torna-se, enfim, relevante recorrer ao que aponta Marcuschi (2005, p. 52) para entender, de fato, a escolha desses pares correlativos: “a maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos”. Isso nos leva a entender que a escolha de um elemento linguístico está ligada ao agir mediante as atitudes, ao entendimento do olhar do outro a partir de pontos de vista. Construimos novos conceitos a partir da linguagem do mundo que nos cerca, mas que é retratada de acordo com as experiências de cada falante, atrelada ao seu interlocutor, e esse prisma muda de acordo com o comportamento, atitudes e valores mediante às suas diversas realidades.

Com isso, chegamos a algumas conclusões, ao nos atermos ao *corpus* analisado neste artigo:

a) Os autores analisados escolhem itens lexicais e conteúdos que os projetarão para um determinado grupo social, no caso específico do *corpus* usado, a banca examinadora, que lhes aceitará ou não como tal;

b) Para isso, os candidatos-autores constroem suas relações textuais baseados nas próprias experiências e conhecimentos de mundo e/ou enciclopédicos, naquilo que conhece, acreditando ser adequado para atender às expectativas do leitor;

c) Os autores predizem seu comportamento linguístico, a partir das estratégias comunicacionais e sociais que os levarão a pertencer a seu grupo social;

d) Buscam trazer à tona uma reflexão calcada nas resoluções dos problemas, na formação de alianças sociais que os fizeram aprender a tomar atitudes ligadas ao comportamento do grupo;

e) Lançam porções informativas a partir do resultado das várias formas de aprendizagem social que aprenderam com seus co-específicos: ambiente cultural, social, escolar, familiar, entre outros;

f) Fazem analogias entre as informações acumuladas advindas da interpretação intersubjetiva que fazem do mundo, e as concretizam em material linguístico.

Nesse sentido, o que defendemos é que somente uma práxis inserida numa instrução coordenada por um conjunto de profissionais que se mobilizem para isso, criará possibilidades de aprendizagem mais significativas:

a) Ações em que convirjam as dificuldades e avanços instalados num processo, em que estados mentais se coliguem, a fim de que possa entender o outro do discurso também como sujeito;

b) Situações de entendimento do processo de imitação inerente à aprendizagem humana, pois é, a partir dele, que o indivíduo entende seu “co-específico” (TOMASELLO, 2003), adquire habilidades em lidar com o objeto e começa a refletir sobre as razões desse sucesso. Somente assim, isola aspectos que considera relevantes dessa aprendizagem ressignificativa.

Por fim, a checagem das hipóteses nas melhores redações vestibulares escolhidas como corpus confirma que os candidatos-autores, ao optarem pela distribuição de material linguístico, entre os pares correlatos, buscam maior quantidade de itens lexicais para dar sustentação àquilo que pretendem argumentar; assim, lançam mão por meio de sua consciência de imagens atreladas ao seu conhecimento de mundo, daquilo que leu, discutiu, refletiu.

## REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1999.

ANSCOMBRE, J.-C., & ZACCARIA, G. *Fonctionnalisme et pragmatique - A propos de la notion de thème*, Milan, Unicopli, 1990.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BEAUGRANDE, R. A. *Introduction to the study of text and discourse*. Wien: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.

BOLLINGER, D. *Aspects of Language*. Nova York: Harcourt Brace Janovich, 1975.

BYBEE, J. *Cognitive processes in grammaticalization*. In: TOMASELLO, M. M. (ed.). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

CHAFE, W. *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press, 1977.

\_\_\_\_\_. *Cognitive constraints on information flow*. In: TOMLIN, J. A.; LAMPERT, M. D. *Coherence and grounding in discourse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987.

CROFT, William. B. *Latent concept expansion using markov random fields*. Amsterdam. The Netherlands, 2007.

\_\_\_\_\_. *Syntactic categories and grammatical relations: the cognitive organization of information*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Radical Construction grammar; syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DE LANCEY, S. *An interpretation of split ergativity and related patterns*. *Language*, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.

DIAS, N. B; LIMA-HERNANDES, M. C. *Flexão como processo de expressão de Relações e Valores*. São Paulo: Parábola, 2010

DIK, S. C. *Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson-EUA: Foris Publications, 1978a.

\_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

GIVÓN, T. *Syntax a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam: Benjamins, 1984.

HALLIDAY, M. A. K.; HASSAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1973.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. *Emergent Grammar*. Berkeley Linguistic Society, n. 13, 1987.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HULL, D. L. *Science as a process: an evolutionary account of the social and conceptual development of science*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive Grammar*. v.1. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987;

LIMA-HERNANDES, M. C. (org). *Gramaticalização em Perspectiva: Cognição, Textualidade e Ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita – Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. *Estudos Funcionalistas no Brasil*. Alfa, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Estudos de língua e vivência de linguagem*. Temas em confronto. São Paulo. Contexto, 2010.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.

SMITH, C. B.; ADAMSON, L. B.; BAKEMAN, R. *Interactional predictors of early language*. *First Language* 8, 1988, p. 143-156.

TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMASELLO, M.; KRUGER; A.C. RATNER, H. H. “*Cultural Learning*”, *behavioral and brain Sciences*. 16, 495-552, 1993.

\_\_\_\_\_

#### THE USE OF ADDITIVE INNOVATIVE CORRELATIONS IN VESTIBULAR ESSAYS: A COGNITIVE EXERCISE?

**ABSTRACT:** This article verifies the process of correlation, describing the linguistic-discursive behavior by the standard of additive correlative pairs. *The corpus*, the 700

best vestibular essays of Fuvest (Fundação para el Vestibular de São Paulo) in 2004 to 2010, it focuses on observing skilled writers and the use of pairs other than those prescribed in normative grammar. Creative choices do not break with expected cognitive processing. The strategy that deflagrates choices is present in the historically inherited cognitive baggage. The focus is on the additive pairs: "not only ... but also", "not only ... but mainly", "not only ... but", "not only ... but so" and "beyond. .. also". The theoretical assumption about correlation marks the approximation of segments that compound a new combination (LIMA-HERNANDES, 2010), it adds a persuasive strategic game.

**KEYWORDS:** Language. Functionalism. Additive correlative pair. Cognition.

---

**Envio:** maio/2017

**Aceito para publicação:** maio/2017